



DO CORPO À PALAVRA: a analética das conversas clariceanas

DEL CUERPO A LA PALABRA: la analética de las conversaciones clariceanas

FROM BODY TO WORD: the analetics of Claricean conversations

Nathalia Flores Soares¹ & Edgar Cézar Nolasco²

Resumo: Este ensaio propõe uma leitura das crônicas de Clarice Lispector a partir da filosofia analética de Enrique Dussel e de autoras descoloniais como Oyérónké Oyéwùmí. Em vez de interpretar Clarice como uma autora introspectiva e individualista, o texto mostra como sua escrita balbuciante, hesitante e fragmentada convoca uma escuta ética e epistêmica ao outro. Clarice escreve a partir do silêncio e do indizível, em sintonia com uma crítica à linguagem ocidental como ferramenta de dominação e classificação. A conversa teórica articula a crítica ao colonialismo perceptivo de Rafael Bautista, a denúncia da invenção ocidental do corpo por Oyéwùmí e a valorização da tradição não como passado fixo, mas como epistemologia viva. O ensaio se constrói como travessia: não quer concluir, mas escutar. Pensar, aqui, é reaprender a nascer.

Palavras-chave: Clarice Lispector; analética; descolonialidade; corpo; epistemologia.

¹ Nathalia Flores Soares é Doutoranda em Estudos de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, NECC\UFMS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6197-3901>. Email: nathalia.soares@ufms.br.

² Edgar Cézar Nolasco é Professor titular da Universidade Federal do Mato Grosso do sul, Coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6197-3901>. Email: ecnolasco@uol.com.br.

Abstract: This essay offers a reading of Clarice Lispector's chronicles through the lens of Enrique Dussel's analectics and decolonial thinkers such as Oyérónké Oyéwùmí. Rather than viewing Clarice as introspective or individualist, the author shows how her hesitant, fragmented writing calls for an ethical and epistemic listening to the other. Clarice writes from silence and the ineffable, resisting Western language as a tool of domination and classification. The essay connects Bautista's critique of perceptual colonialism, Oyéwùmí's denunciation of the Western invention of the body, and the view of tradition not as static heritage, but as a living epistemology. This theoretical conversation does not seek closure, but openness. To think, in this context, is to risk being born again.

Keywords: Clarice Lispector; analectics; decoloniality, body; epistemology.

Resumen: Este ensayo propone una lectura de las crónicas de Clarice Lispector desde la analéctica de Enrique Dussel y autoras decoloniales como Oyérónké Oyéwùmí. En lugar de entender a Clarice como una escritora introspectiva e individualista, el texto muestra cómo su escritura entrecortada y balbuceante convoca a una escucha ética y epistémica del otro. Clarice escribe desde el silencio y lo indecible, en crítica a la lengua occidental como instrumento de dominación y clasificación. La conversación teórica articula la crítica de Bautista al colonialismo perceptivo, la denuncia de Oyéwùmí sobre la invención occidental del cuerpo y una revalorización de la tradición como epistemología viva. El ensayo no busca concluir, sino atravesar: pensar aquí es arriesgarse a nacer de nuevo.

Palabras clave: Clarice Lispector; analéctica; decolonialidad, cuerpo; epistemología.

370

1. CORPO, origem e diferença

A agonia de seu nascimento. Até então eu nunca vira a coragem. A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo. E sem lhe terem respondido se valia a pena. “Eu”

LISPETOR. *A descoberta do mundo*, p. 147.

Por isso, ainda escrevo. E se toda a compreensão que eu tenho do mundo passa pelo crivo de minha existência e de minha experiência, este texto não pode ser mais que a reprodução de leituras críticas feitas do único espaço onde eu posso existir.

LINHAR. *Nascer é correr um risco*, p. 17.

Esta conversa se delineia a partir do anunciado pelas epígrafes, da agonia, da coragem, já que *Nascer é correr um risco*. Ao me deparar com o título da obra

de Linhar (2024), e a carrego agora como forma de re-pensar as crônicas que me acompanham na tessitura de minha tese. E ainda escrevo a partir de minha compreensão de mundo, convocando também Clarice Lispector que, em uma crônica esquecida de si, me ensinou que “Se tivesse que nascer mil vezes Ali quero nascer”³ Encontro aqui um fio invisível entre mundos tão distintos: a filosofia de um Brasil do avesso, as críticas de Oyèrónké Oyéwùmí ao imperialismo do olhar ocidental, a denúncia de Rafael Bautista sobre os golpes suaves que silenciam corpos, e, no meio de toda essa conversa teórica, a linguagem silenciosa de Clarice.

Ao lado dessas vozes que me acompanham, trago Enrique Dussel, por entender que à partir da proposição de uma filosofia da libertação fundada na analética⁴ — re-surge um modo de pensar ético que parte da escuta radical do outro. Dussel *preconiza que a alteridade do outro é absoluta e é por isso que deve ser escutada, pois não pode ser deduzida a partir de categorias do mesmo*⁵. Escutar, nesse sentido, é reconhecer que a verdade não nasce do centro, mas da margem; não do sistema, mas de sua exterioridade. A crônica clariceana, ao dar voz ao silêncio, à hesitação e ao indizível, ressoa essa ética analética que se recusa a engolir o outro a partir do logos ocidental. A palavra de Clarice, muitas vezes entrecortada, balbuciada, é um gesto de hospitalidade ao outro — àquilo que ainda não tem nome. Dussel nos alerta de que *a razão moderna é ególatra*⁶ e por isso não pode acolher o outro senão como espelho. Clarice, ao contrário, me ensina a escrever sem querer dominar o mundo com categorias prontas. Assim, nesta conversa epistêmica descolonial, Dussel me auxilia a compreender que o gesto de pensar não deve ser um ato de apropriação⁷, mas de escuta e abertura ao inédito. É preciso reconhecer o outro não como aquele que será incluído, mas como aquele que nos desestabiliza, que nos obriga a morrer um pouco para que algo novo possa nascer.

³ LISPECTOR. A descoberta do mundo, p. 117.

⁴ DUSSEL. *Filosofia da libertação*, p. 88.

⁵ DUSSEL. *Filosofia da libertação*, p. 88.

⁶ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 22.

⁷ DUSSEL. *Ética da libertação*, p. 22.

Nesse sentido, inserir a analética de Enrique Dussel nesta conversa com Clarice Lispector é reconhecer que sua escrita, fragmentada e íntima, opera como uma linguagem do “outro lado” — da exterioridade. Dussel propõe uma filosofia que nasce do “grito do outro”, *não como objeto de análise, mas como sujeito ético que interpela, desinstala e convoca o pensar*.⁸ A analética, diferente da dialética hegeliana que assimila o outro para completude do mesmo, parte da escuta sensível e da responsabilidade para com quem fala a partir da margem.

Clarice, ao escrever o mundo sem a ânsia de capturá-lo, realiza esse gesto analítico: ela escuta o que escapa. Sua recusa em nomear tudo, seu desconforto com os limites da linguagem, é uma forma de acolher aquilo que não se enquadra nos marcos do saber ocidental. Quando escreve: *As palavras que me foram dadas são falsas. Eu quero é a coisa*.⁹ Antevejo o gesto que Dussel formula em termos ético-filosóficos: ir além do logos dominante¹⁰, em busca de uma verdade encarnada, que se dá na relação com o real e com o outro.

Na esteira de Dussel *a exterioridade não pode ser reduzida à totalidade. O outro é irredutível*¹¹. E é exatamente esse “irredutível” que as crônicas clariceanas protegem nesse espaço\conversa epistêmica. Não ensinam, não explicam, não solucionam — elas fazem companhia ao enigma. Pensar com Dussel é compreender que o conhecimento verdadeiro não nasce da explicação total, mas da responsabilidade ética diante do mistério do outro. E Clarice, ao escrever com os silêncios, com os gestos mínimos, nos devolve a essa responsabilidade.

Este ensaio é uma conversa em meio á partir dos ruídos e murmúrios que atravessam essas leituras; uma travessia íntima, feita de perguntas e abalos. Levo comigo o desejo de escutar mais do que afirmar. Aceito me desarmar diante daquilo que me mostra que o mundo, como disse Oyewùmí, não é feito apenas de “visão” — ele é sentido, cheiro, som, ausência e presença¹². Se nascer é arriscar-se, então ler e pensar descolonialmente é também morrer e renascer muitas vezes,

⁸ DUSSEL. *Filosofia da liberação*, p. 88.

⁹ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 23.

¹⁰ DUSSEL. *Ética da liberação*, p. 22.

¹¹ DUSSEL. *Filosofia da liberação*, p. 88.

¹² Oyewùmí. *A invenção das mulheres*, p. 39.

diante do que insiste em nos lembrar que há outras maneiras de ser, de saber e de estar.

O corpo, para Oyèrónké Oyéwùmí, é uma invenção ocidental. Em *La invención de las mujeres* (1997), afirma que “o corpo foi a pedra angular sobre a qual se fundou o ordenamento social ocidental”¹³. Ler essa afirmação foi como cair num abismo: e se o corpo, tal como o pensamos, não for uma evidência, mas uma construção, Clarice Lispector sabia disso sem precisar dos conceitos. Em suas crônicas, o corpo aparece muitas vezes como algo insubmisso, uma “matéria estrangeira” que não se deixa definir. Posso perceber nessa minha conversa com Clarice que há no fundo de tudo uma vida silenciosa que resiste à classificação e à morte. Nesse sentido, quero pensar aqui como Oyéwùmí denuncia a fixação ocidental com a diferenciação visual dos corpos — a cor, o sexo, o tamanho. “A diferenciação de gênero foi a mais constante”, escreve ela. Para os Yorùbá, nos lembra a autora, o corpo não é o eixo do social. Isso desmonta, em um só gesto, toda a narrativa hegemônica que naturaliza desigualdades como “dados biológicos”.

Clarice, na sua maneira própria, também escrevia contra essa obsessão pela forma. Não são poucos os momentos em que ela narra a experiência de ser sem se reduzir a nada, nem mesmo a mulher, mãe, corpo, papel. Em uma de suas crônicas de *A Descoberta do Mundo*, ela escreve: Sou antes de tudo um ser vivo que sente.¹⁴ A experiência do corpo, então, não é uma visão de si, mas um sentimento de estar. É um campo aberto de possibilidades, e não uma prisão classificatória. Quando Clarice se recusa a nomear as coisas, ela desafia o impulso ocidental de categorizar. E esse é um gesto que me possibilita trabalhar descolonialmente suas crônicas em conversas epistêmicas, já que o intuito aqui não é descolonizar Lispector mas sim, partir das teorias lidas descoloniais a fim de despensar a figura canônica da escritora em prol de re-teorizar seus escritos a partir de meu espaço, a fronteira sul.

373

Posto isso, Linhar, em *Nascer é correr um risco*, também teoriza acerca de nossas origens que são constantemente violentadas por uma epistemologia que não sabe lidar com o risco. Ao afirmar que: “Se existe uma fatalidade cujo

¹³ Oyéwùmí. *A invenção das mulheres*, p. 39.

¹⁴ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 117.

ocidente cristão nunca pôde escapar é a da incapacidade de fazer cálculos culturais.”¹⁵ Reflito na esteira dessas conversas em como o Ocidente não compreendeu a revolução camponesa chinesa por exemplo, sem passar por seus filtros, ele também não compreendeu os corpos outros sem traduzi-los por seus critérios biológicos.

Dito isso, minha conversa com Clarice, ao invés de traduzir, deixa o mistério viver. Assim como Oyēwùmí propõe outra ontologia — uma que não coloca o corpo no centro da identidade —, a conversa aqui propõe uma escrita que se recusa a totalizar a experiência. E talvez seja nisso que reside o gesto epistêmico descolonial: desconfiar da visão, da certeza, da classificação. Escolher sentir, cheirar, adivinhar. Correr o risco de nascer de novo

2. ESPAÇO e tradição

É necessário pontuar que: nessa conversa, a tradição não é um peso morto, nem um folclore para exibição turística. É, antes, uma epistemologia em movimento: uma maneira de habitar o mundo que se reinventa sem negar seu chão. Clarice Lispector, em suas crônicas, também fala de espaços vivos. Só que, diferente dos tratados históricos, ela captura o espaço no que ele tem de mais íntimo: a atmosfera de um quarto, o silêncio de uma rua, o cheiro de uma tarde chuvosa. Percebo que o espaço, aqui, nessa conversa epistêmica é memória encarnada, é tradição sussurrada pelos elementos mais banais. Clarice faz do cotidiano uma paisagem sensível da história que perante o grande gênero literário parecem irrigórias,

374

Linhart recorda que um dos erros ocidentais foi tentar compreender a China a partir de seus próprios modelos, “como se os chineses estivessem sempre em busca dos moldes europeus para sua economia”¹⁶. Assim como a tradição chinesa não cabe nos parâmetros eurocêntricos, o “espaço clariceano” não cabe nas categorias literárias convencionais. Ambos resistem à captura. A conversa que tento teorizar nessas minhas linhas está entre o é e o que pode ser.

¹⁵ LINHAR. *Nascer é correr um risco*, p. 144.

¹⁶ LINHAR. *Nascer é correr um risco*, p. 144.

E é justamente essa conversa, a meu ver, uma teorização pautada em uma opção descolonial: não aceitar que o espaço seja definido apenas pelo olhar do outro. Em minha conversa epistêmica, o espaço é um acontecimento íntimo. Em Linhar, a tradição é uma linha de força que sustenta a reconstrução, sem a necessidade de se alinhar à narrativa do progresso ocidental. A epistemologia descolonial exige, então, repreender o espaço não como objeto, mas como relação viva. Exige, também, reatar a conversa com nossas tradições sem traduzi-las para agradar ao colonizador, há a necessidade de “cada um que olhasse o espaço em branco, o encheria com seus próprios desejos.”¹⁷

3. POLÍTICA da percepção

Rafael Bautista, denota como que a descolonização começa na maneira como vemos — ou melhor, na maneira como nos ensinam a ver. Quando ele descreve o “golpe suave” no Brasil, explica que não se trata apenas de tomar o poder, mas de alterar a percepção social até que a violência pareça normal: de modo que quando já ninguém vê, que aquilo, é um golpe, é porque o golpe conseguiu assaltar nossa própria percepção dos fatos.”¹⁸ Há uma política do olhar, nos diz Bautista: um projeto geopolítico que molda nossas emoções e julgamentos. E há uma ética do não-saber, sugere Clarice: uma recusa em aceitar a primeira imagem, a primeira palavra, a primeira certeza. Bautista mostra como a democracia liberal é usada como fachada para golpes institucionais: “O ‘golpe suave’ não rompe o sistema democrático, apenas o disciplina em torno das prerrogativas das elites.”¹⁹

375

Essas fendas, esses rasgos, são fundamentais. Bautista os denuncia como armadilhas históricas; Clarice os celebra como lampejos de verdade. Clarice, em outro registro, realiza uma operação semelhante: ela expõe as rachaduras por onde o suposto “normal” vaza. Ela escreve, no “Amor”, sobre a personagem Ana, que

¹⁷ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 232.

¹⁸ BAUTISTA. *El tablero del siglo XXI*, p. 113.

¹⁹ BAUTISTA. *El tablero del siglo XXI*, p. 114.

de repente, no meio da vida comum, sente o mundo desabar em silêncio: “Era como se tivessem aberto uma fenda entre ela e as outras pessoas.”²⁰

Ambos, à sua maneira, recusam aceitar o mundo como ele nos é servido. Entendo agora que descolonizar não é apenas mudar as palavras. É mudar o que deixamos entrar pelo olhar. É repreender a suspeitar dos consensos fáceis. Clarice dizia: “Não me venham com o que é lógico. A vida é o que é.” E Bautista complementaria: a vida é também o que os poderes querem que esqueçamos de ver.

4. A LINGUAGEM da diferença

Quando Oyèrónké Oyéwùmí nos alerta de que “o corpo, no Ocidente, é um convite constante à diferenciação”²¹, ela está denunciando mais que um detalhe histórico: está desnudando uma máquina inteira de classificação e exclusão. A linguagem — tão celebrada como marca da humanidade — tornou-se, no projeto colonial, um instrumento para marcar, separar e hierarquizar. Clarice Lispector também parecia desconfiar profundamente da linguagem. Em “A paixão segundo G.H.”, ela confessa: “As palavras que me foram dadas são falsas. Eu quero é a coisa.”²²

376

Essa angústia clariceana ecoa a crítica de Oyéwùmí: a linguagem ocidental não apenas descreve o mundo, ela o fabrica segundo categorias que servem a um projeto de dominação. Sexo, raça, cor, classe — tudo se transforma em signo fixo. Em *La invención de las mujeres*, Oyéwùmí mostra que entre os Yorùbá, a diferença entre homens e mulheres não era estrutural ao social; foi o colonialismo que impôs a lógica da biologia como destino.

É revelador pensar que para os Yorùbá — e, de maneira existencial, para Clarice — o ser não é fixo. Não se é mulher ou homem como quem carrega um rótulo inevitável. Ser é sempre um processo aberto, uma construção plural e contingente. Na linguagem colonial, ser mulher tornou-se ser corpo. E ser corpo,

²⁰ LISPECTOR. *Laços de família*, p. 30.

²¹ Oyéwùmí. *A invenção das mulheres*, p. 39.

²² LISPECTOR. *A paixão segundo GH*, p. 30.

como diz Oyéwùmí, é ser “a outra”, “a diferença”, “a deficiência”. Clarice, na sua escrita esparsa e quase muda, resiste a essa redução. Em crônicas como “Tortura e glória”, insinua que existir é mais do que poder ser nomeado: “Era tão raro o que eu sentia, que não sabia nem dizer o nome.”²³

Essa recusa em nomear é um ato de resistência. É uma forma de preservar o ser contra a violência classificatória. É também uma lição profunda para qualquer projeto descolonial: antes de construir novas teorias, talvez seja preciso desaprender os nomes antigos. Por isso, descolonizar o pensamento passa por desconfiar da linguagem herdada. Passa por saber, como Clarice, que há no mundo um excesso que escapa a qualquer vocabulário.

Desse modo, ler Clarice e Oyéwùmí juntas é como conversar com duas vozes que se recusam a fechar a vida em um inventário. Uma recusa feita de silêncio, de sensações, de aberturas. E isso, no fundo, é um gesto epistemológico de primeira ordem: declarar que o mundo é sempre maior que as palavras que tentam contê-lo.

Ao fim dessa conversa, chego sem saber exatamente como, à beira de uma compreensão inquietante: descolonizar não é apenas um esforço externo — não é apenas mudar instituições ou sistemas políticos. Descolonizar é sobretudo um trabalho íntimo, subterrâneo, no corpo do olhar e na carne da linguagem. Linhar já nos alertava: o Ocidente, ao tentar interpretar a China, não apenas errou por ignorância, mas por uma limitação estrutural de seu próprio olhar. Um olhar que precisa do outro para reafirmar sua centralidade. Um olhar que traduz diferença em deficiência.

377

Oyérónké Oyéwùmí mostrou como essa mesma lógica visual capturou corpos, transformando-os em alicerces de hierarquias que hoje tomamos por “naturais”. A invenção do gênero, da raça, da diferença, é também a invenção de uma epistemologia do controle. Rafael Bautista me mostra que o golpe não acontece apenas nas instituições, mas na percepção: o verdadeiro assalto colonial é aquele que nos faz aceitar como óbvio aquilo que é violência.

Descolonizar, então, não é apenas aprender novas palavras ou defender novas políticas. É aceitar correr o risco de perder o chão. É desaprender o modo

²³ LISPECTOR. *A descoberta do mundo*, p. 7.

como fomos ensinados a ver, a nomear, a desejar. É aprender a escutar o mundo — não o mundo já mapeado e classificado, mas o mundo em sua pulsação bruta, anterior a qualquer interpretação. É nesse sentido que as crônicas de Clarice se tornam conversas epistêmicas descoloniais: elas não nos ensinam sobre o mundo; elas nos devolvem ao mundo, nus, sem mapas.

Descolonizar é, portanto, reabilitar o invisível. Reconhecer que a vida, como dizia Oyéwùmí, pode ser sensível antes de ser visual. Que o saber pode ser feito de aromas, de ausências, de intuições, Clarice e Bautista, Oyéwùmí e Linhar: todos eles, a seu modo, me ensinam que a verdadeira libertação não virá de novas verdades, mas de novas formas de perguntar, de escutar, de estar. E essa tarefa é tão incerta, tão perigosa, quanto o próprio ato de nascer.

Ao final dessa travessia, não posso fingir que cheguei a uma resposta clara. A única certeza que carrego agora é a da inquietude. E talvez seja isso mesmo que as conversas epistêmicas descoloniais, entre Clarice Lispector, Oyérónké Oyéwùmí, Tiago Linhar e Rafael Bautista, desejavam provocar: não conclusões, mas movimentos. Teorizo então nessa conversa que o nascimento é um risco permanente. Não um momento isolado no tempo, mas um estado de espírito: estar sempre disposto a nascer de novo, sem garantias, sem mapas.

378

Posto isso, em minha conversa clariceana reaprendi a escutar o silêncio. A aceitar que há uma sabedoria nas frestas, nos lapsos, nos gestos inacabados. “Não se preocupe em entender. Viver ultrapassa todo entendimento”, ela dizia em uma de suas crônicas. A conversa com Oyéwùmí, me fez compreender que o corpo que habito não é uma evidência neutra. É um campo de disputas, de invenções, de imposições. E que imaginar mundos onde o corpo não seja o eixo da diferença é não apenas possível, mas urgente.

Desse modo, os escritos de Linhar me mostram que a tradição não é inimiga da reinvenção. Que resistir ao colonialismo é também cultivar formas de saber que o Ocidente não consegue decifrar. Assim como em Bautista, reaprendi a desconfiar dos consensos. A perceber que o golpe mais devastador é aquele que naturaliza a opressão.

Há de fato uma ruptura com o “centro imperial do saber”, aquilo que ele chama de ego conquiro — o sujeito moderno que conquista, domina, organiza e fala por todos. Clarice, ao contrário, não fala por ninguém. Suas crônicas se movem no terreno do sensível, da incompletude, do não saber. E por isso são